REVISTA DA FUNDARTE
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

PEDAGOGIA QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO PARTILHADA DE NARRATIVAS ENTRE CRIANÇAS E IDOSOS EM UM QUILOMBO NO SUL DO BRASIL

QUILOMBOLA PEDAGOGY: A STUDY ON THE SHARED PRODUCTION OF NARRATIVES BETWEEN CHILDREN AND ELDERLY PEOPLE IN A QUILOMBO IN SOUTHERN BRAZIL

Roselete Fagundes de Aviz
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC,,Florianópolis, SC/Brasil

Luciana Hartmann
Universidade de Brasília -UnB, Brasília, Distrito Federal/Brasil

Resumo: Este artigo parte de pesquisa sobre a vida, a cultura e as relações entre crianças e idosos da Comunidade Quilombola Ribeirão do Cubatão (SC) para debater as contribuições metodológicas de uma Pedagogia Quilombola que prevê o compartilhamento de vidas, trocas de experiências, saberes e práticas entre idosos, crianças e adolescentes. O trabalho versa sobre Oficinas Narrativas cujo foco é a autoria/participação das crianças e idosos na produção de narrativas em diferentes linguagens (orais, escritas, visuais e/ou audiovisuais). Como resultados parciais compreende-se que essa metodologia, além de promover o diálogo intergeracional, proporciona a produção compartilhada de dados entre pesquisadoras, crianças e idosos.

Palavras-chave: Metodologias Participativas. Práticas intergeracionais. Oficinas Narrativas. Pedagogia Quilombola.

Abstract: This article begins from research on life, culture and relationships between children and elderly people in the Quilombola Community Ribeirão do Cubatão (SC) to discuss the methodological contributions of a Quilombola Pedagogy that provides for the sharing of lives, exchange of experiences, knowledge and practices among the elderly, children and adolescents. The work deals with Narrative Workshops whose focus is the authorship/participation of children and elderly people in the production of narratives in different languages (oral, written, visual and/or audiovisual). As partial results, it is understood that this methodology, in addition to promoting intergenerational dialogue, provides shared production of data between researchers, children and elderly people.

Keywords: Participatory methodologies. Intergenerational practices. Narrative workshops. Quilombola pedagogy.

O presente artigo busca refletir sobre os primeiros resultados obtidos na pesquisa de pós-doutorado conduzida entre 2022 e 2023, que buscou *perceber os modos como se produz e se transmite conhecimento nas relações estabelecidas entre crianças e idosos da Comunidade Quilombola Ribeirão do Cubatão,* em Santa



Catarina. Metodológica e conceitualmente o foco da pesquisa está na autoria e na participação das crianças e dos idosos na produção de narrativas em diferentes linguagens (orais, escritas, visuais e/ou audiovisuais) no contexto das comunidades tradicionais, dialogando com a presença da cultura das mídias.

O *corpus* da pesquisa foi obtido por meio de dados produzidos em pesquisa de campo que acompanhou a vida cotidiana de crianças e idosos da Comunidade do Ribeirão do Cubatão, na cidade de Joinville, estado de Santa Catarina, que sofrem diversas opressões e enfrentam dificuldades para serem reconhecidos em sua própria territorialidade, assumindo as ambiguidades do conformismo e da resistência, do enfrentamento e da aceitação, da resignação e da esperança. Como defenderemos abaixo, constatamos que entre as crianças e idosos da comunidade existe um princípio educativo o qual denominamos de *Pedagogia Quilombola*, que se materializa no compartilhamento de vidas, trocas de experiências, saberes e práticas de modo coletivo e relacional, tendo como fundamento as Tradições Orais Africanas. A pesquisa situa-se, portanto, entre os campos da Antropologia, da Arte e da Educação. Importa, ainda, salientar o pertencimento da primeira autora deste artigo à comunidade quilombola em questão e que esta investigação dá sequência a pesquisas anteriores realizadas sobre a infância quilombola, temática ainda pouco explorada nestas comunidades do estado de Santa Catarina.

Contexto e metodologia da pesquisa

A Comunidade Quilombola Ribeirão do Cubatão está ligada à Área Rural de Pirabeiraba, às margens do Rio Cubatão (SC). A povoação dessa região data de mais de 200 anos. Quando iniciou-se a colonização germânica na cidade de Joinville, a região já era habitada por portugueses e escravizados negros. Trata-se de uma planície de inundação de várzea, cujo solo é rico em sedimentos aluviais. Embora o Laudo Pericial nº 03/2011 (ALMEIDA, 2011) informe que Ribeirão do Cubatão e Beco do Caminho Curto, duas únicas comunidades Quilombolas de Joinville - SC,



apareçam nos contatos realizados desde 2005, somente em 2019 ambas foram certificadas. A certificação, portanto, ocorreu às vésperas da pandemia da Covid-19, fazendo com que a população sofresse uma espécie de dupla pandemia, a do vírus e a da *desinformação*, gerada pela construção intencional, por parte de alguns representantes de instituições, da ignorância em comunidade quilombolas recém-certificadas, criando conflitos que buscam destituir o principal fundamento dessas comunidades: a territorialidade. Neste sentido, esta pesquisa visa oferecer também subsídios para que a referida Comunidade possa combater o fenômeno da *desinformação,* não somente reconhecendo os sujeitos quilombola, mas compreendendo também o que é ser quilombola.

Nosso estudo se dá em colaboração com interlocutores que frequentemente são invisibilizados nas pesquisas e nas representações dominantes da sociedade: as crianças e os idosos. As situações opressivas vividas por estes como grupo social e etário, neste contexto, têm mais um agravante: o fato de serem quilombolas. Como veremos adiante, a despeito – mas também a partir disso – estes sujeitos produzem práticas, ideias e narrativas ricas e originais.

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de agosto de 2022 e agosto de 2023. Trabalhamos na perspectiva da Etnografia Performativa, que preconiza a ampliação das ações de observação e participação da etnografia tradicional, engendrando a dimensão artística (performativa) na produção dos sujeitos colaboradores da pesquisa, neste caso, as crianças e os idosos no movimento epistemológico em performance. (HARTMANN; SOUSA; CASTRO, 2020). Neste contexto, foram realizados registros audiovisuais compartilhados, observações participantes, entrevistas e o que chamamos de “Oficinas Narrativas”. Para este artigo, escolhemos abordar o trabalho com as Oficinas Narrativas como uma prática metodológica participativa com crianças e idosos. Tal intervenção foi escolhida por seu potencial de conferir às crianças e aos idosos um sentido ativista, de luta contra as injustiças e contra a tentativa de silenciamento de suas vozes. Crianças e idosos, como aponta o professor Paulo de Salles Oliveira,



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

> vivem uma opressão social que inclui a imagem da destituição, como se a eles não pertencesse o presente. Neste imaginário prevalecente, o velho foi banido (porque visto) como aquele que já foi e a crianças ainda não foi incorporada (porque tida como alguém que ainda não é). (OLIVEIRA, 2011, p. 30).

Acreditamos que as Oficinas Narrativas possibilitam a criação de um *lugar de voz/escuta d*essas duas categorias geracionais, no sentido de que os sujeitos podem se encontrar para (re)contar e escutar, reunindo vozes que produzem, juntas, novos sentidos.

Entendemos a *Pedagogia Quilombola* a partir do pensamento do artista moçambicano Malangatana Ngwenya, que durante longas sessões de conversa nos ensinou que os quintais das casas são lugares privilegiados para as poéticas orais (AVIZ, 2012a). Dessa forma, nossa proposta de Oficinas Narrativas evoca as performances que acontecem nos quintais - entendidas aqui como manifestações expressivas que envolvem narradores e público em papeis intercambiáveis, interagindo com seus corpos e vozes de forma multisensorial (LANGDON, 1999).

As Oficinas, realizadas sempre nos quintais das casas da comunidade, foram desenvolvidas como espaços-tempo de encontros para conversas, histórias e criações entre idosos e crianças, em diferentes linguagens, como a oralidade, a literatura, a música, a fotografia, o audiovisual.

A realização desse modelo de investigação supõe a produção de vários dispositivos de intervenção, registro e produção de informação, além de tratamento dos dados. Para este artigo, optamos por traçar em formato de cenas a organização do percurso metodológico, por meio da descrição dos diferentes tipos de registros que culminaram nas Oficinas Narrativas, selecionando fragmentos e montando quadros. Alguns quadros surgem como verdadeiros tesouros. Deles saem dramas para além do significado de cada voz/escuta, a fim de pôr em cena à maneira de Barthes (2003), uma enunciação, não uma análise.



Pedagogia Quilombola

Ao situarmos a Pedagogia Quilombola como compartilhamento de vidas, trocas de experiências, saberes e práticas de modo coletivo e relacional, é preciso compreender que não se trata, simplesmente, de ouvir os idosos. Essa Pedagogia tem como base as Tradições Orais Africanas. Mas o que se compreende como Tradição Oral na Pedagogia Quilombola? Para responder esta questão, recorremos às sábias palavras de Malangatana Ngwenya: "é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona tudo" (AVIZ, 2012a, p. 12). Nessa tradição, o conhecimento liga-se à experiência e integra-se à vida, uma vez que existem coisas que não se explicam, mas que se experimentam e se vivem. Na mesma linha da reflexão de Ngwenya está o texto "Tradição Viva", de Amadou Hampâté Bâ (2003/2015, p.166), que exemplifica esta relação entre o que se explica e o que se vive:

> Lembro-me de que, em 1928, quando servia em Tougan, um jovem etnólogo chegara ao país para fazer um estudo sobre a galinha sacrifical por ocasião da circuncisão. O comandante francês apresentou-se ao chefe de cantão indígena e pediu que tudo fosse feito para satisfazer o etnólogo, insistindo para que "lhe contassem tudo". Por sua vez, o chefe cantão reuniu os principais cidadãos e expôs-lhes os fatos, repetindo as palavras do comandante.
> O decano da assembleia, que era o mestre da faca local, portanto o responsável pelas cerimônias de circuncisão e da iniciação correspondente, perguntou-lhe:
> - Ele quer que lhe contemos tudo?
> - Sim – respondeu o chefe de cantão.
> - Mas ele veio para ser circuncidado?
> - Não. Veio buscar informações.
> O decano voltou o rosto para o outro lado e disse:
> - Como podemos contar-lhe tudo se ele não quer ser circuncidado? Você bem sabe, chefe, que isso não é possível. Ele terá de levar a vida dos circuncidados para que possamos ensinar-lhe todas as lições. [...] (HAMPÂTÉ BÂ, 2003/2015, p. 166).

Consideramos que as reflexões propostas por Ngwenya (AVIZ, 2012a) e Hampâté Bâ (2003/2015) dialogam com aquelas trazidas por Muniz Sodré (2017), a partir das quais os saberes que têm como base a Tradição Oral são vivenciados em um processo de "saber praticando e pensar fazendo" (SODRÉ, 2017).



Tais considerações são fundamentais nas pesquisas que envolvem a escuta/participação de crianças e idosos. Elas vêm ao encontro do que Malangatana Ngwenya nos colocou sobre a escuta, ao falar da importância dos saberes da cultura e sua inserção na escola. Para esse mestre da Tradição Oral, a escuta tem a ver com o tempo, não com o conteúdo: “não é só empilhar uma coisa em cima da outra” (AVIZ, 2012a, p. 12).

Sob essa premissa, defendemos que, na Performance dos Quintais, preste-se mais atenção aos modos de escuta do que propriamente à história. Como acontecem as interações entre crianças e idosos? Em que momentos do cotidiano essas interações mais acontecem? Que histórias contam os idosos? Quais histórias contam as crianças? Como passam de uma história à outra?

Performance dos Quintais e Protagonismos de Crianças e Idosos na Produção de Oficinas Narrativas

Não há como pensar em uma Pedagogia Quilombola sem considerar o compartilhamento de vidas em relações intergeracionais, tendo como base as Tradições Orais Africanas. Nessas tradições, a transmissão não se constitui como informação, mas sim como experiência prática, como formação. Todos têm algo a aprender e a ensinar e, neste processo, a imaginação não pode ficar de fora. Ela precisa estar presente como grande aliada nas lutas sobre as disputas das identidades e dos territórios, uma vez que Pedagogia Quilombola e Pedagogia da Imaginação (HELD, 1980; GREENE, 1995) podem caminhar juntas na luta contra as opressões que as crianças dessas comunidades vivem, principalmente em relação à vulnerabilidade, à pobreza e à exclusão social.

Quando argumentamos sobre saberes e fazeres quilombolas, necessitamos afirmar a imaginação como aliada de nossas lutas. Esta é a perspectiva de Greene (1995), que adotou a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (1998), como uma das bases de sua vida e de seu trabalho. Greene (1995) argumenta que vencer o opressor



internalizado é fundamental, e milita em favor da liberação da imaginação da criança. Parafraseando bell hooks[1], essas formas de opressão remetem às restrições socialmente construídas em uma cultura de dominação que investe contra "a coragem existencial de ser". A partir desse pensamento, hooks (2019) também acredita e valoriza o poder da imaginação. Para ela, "a imaginação é uma das formas mais poderosa de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar. Sem habilidade para imaginar, pessoas permanecem presas, incapazes de se mover para um lugar de poder e possibilidade" (hooks, 2019, p.106).

Assim, as Oficinas Narrativas foram pensadas na perspectiva de libertar a imaginação. Denominadas "Quilombolinha", foram divididas em quatro etapas: 1. Oficinas Narrativas orais/cênicas com crianças e idosos; 2. Oficinas Narrativas orais/escritas com crianças e idosos; 3. Oficinas Narrativas audiovisuais; e 4. Oficinas fotográficas com crianças e idosos.

Performance dos Quintais 1. Oficinas Narrativas orais/cênicas

CENA 1: A Roda do "Lembra-te"

> É de manhã. No quintal, a Roda. Os mais velhos da família e da comunidade chegam e se acomodam. As crianças olham com atenção e curiosidade para cada corpo, cada gesto, cada presença. A manhã para elas é de escuta. É momento de aprenderem, com os mais velhos, quem elas são. Um dos anciãos cuida do cipó que será tecido. O outro, cuida do piri, matéria-prima para fazer esteiras. Dona Flor[2] abraça-se a São Gonçalo, o santinho que mora há mais de duzentos anos na comunidade. Maria corta o beiju em pedacinhos, pega a sua parte. Depois, vai de pessoa em pessoa, na Roda, compartilhar o alimento. Essas pessoas são os idosos da comunidade que vieram contar da vida com as crianças. As pessoas de quem se lembram chamam pelo nome e apresentam alguma lembrança de suas vidas. Aos que não reconhecem, perguntam "Quem é você?". Quando isso acontece, as pessoas da Roda apresentam-no lembrando-o dos pais ou avós: "Esta é a neta do Genésio". Só quando chegam à última pessoa é que retornam ao seu lugar. E, então, a história acontece. Cada criança vai ao centro da Roda para contar alguma história, envolvendo algum idoso que veio prestigiar o

[1] O nome "bell hooks" foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.
[2] Alguns nomes foram substituídos por nomes fictícios por escolha de alguns participantes da pesquisa.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

> encontro. As histórias não são fictícias: na Roda, como na antiga fogueira, por tradição, contam-se histórias que falam da forma de pensar das pessoas e das suas vidas. Uma criança, dirigindo-se a um idoso da Roda, pergunta: "vocês sabem quem é este tio"? Outra dá um giro e pergunta às pessoas da roda: "vocês sabem qual a história dele aqui na comunidade?" Algumas respondem: "sabemos que ele fez o rio junto com o tio Sinoca". "Tio Francisco" – um dos idosos, fala, pausadamente – "veio de longe para fazer o rio da nossa comunidade, há muito tempo, quando eu ainda usava calça curta como vocês. Antigamente, neste lugar aqui; não tinha nem estrada, a primeira foi aberta pela máquina que abriu o rio." Depois dessa apresentação, vem outra e outra e mais outra. Hoje é dia de Dona Flor contar uma história. A história de um "ensaio de promessa", por muito tempo praticado na comunidade: São Gonçalo. "O meu nome de criança é Florência, mas todos me chamam de Flor. E este aqui é São Gonçalo" (mostrando o santinho encaixado no baú). Quando criança, nós éramos obrigados a dançar para esse santo. Traz para o meio da Roda uma criança pra encenar com ela, conforme ia contando. Esse é um dos momentos do "Lembra-te". Referências pessoais dos familiares e/ou habitantes idosos da comunidade que vêm falar com as crianças. Falam em palavras, em gesto, através das roupas, bem como do cheiro ou sabores que saem de suas mãos e alimentam a roda. Nas cenas observadas, há uma narrativa que se faz entre os corpos em movimento. Uma aprendizagem que se estabelece na interação dos corpos, na vocalidade da voz de cada um(a). Fixo minha atenção em todos esses elementos que materializam sentidos. Chama atenção o espaço da roda onde a história acontece. Hoje é dia de conhecer São Gonçalo. Destaca-se o ritual desse "ensaio de promessa" em todo o seu movimento: a cena do altar com o santo, a música, a dança: sua coreografia, o que me leva a pensar no lugar da voz no canto do povo desse lugar (Ribeirão do Cubatão). Na voz e na performance que seus corpos (en)cenam. Também estou na Roda e canto. Um verso. Depois, todos me acompanham. Ao parar a cantoria, conto também. Lembro-me e canto outra canção. A canção da tia parteira que me trouxe ao mundo em um dos quintais de Ribeirão. Conto que a mãe dela e ela fizeram o parto de todos os idosos e alguns adultos que se fazem presentes na Roda. Depois, faço referência e reverência a todos(as) os(as) que estão ali e me proporcionaram viver, sentir e conhecer mais um pouco sobre mim mesma. Vivo uma experiência estética para nunca esquecer. Há a Roda, seus participantes. Há um grupo de adolescentes olhando de longe e o risos delas, todo o quintal de grama verde, os burburinhos do mundo quase rural ainda, o rio e, por cima, o céu de Ribeirão, tão bonito em dias de outono. Mais ou menos tudo isto faz parte da canção. É a canção. (Diário de campo da primeira autora, 2022).

A Roda do "Lembra-te" foi desenvolvida como metodologia de escuta por Malangatana Ngwenya (AVIZ, 2012a). Numa perspectiva ética, ele afirma que esta não pode ser lida como qualquer roda de conversa, mas como um objeto estético, expressivo, e pode ser compreendida como um dos elementos constitutivos da Pedagogia Quilombola.



A Roda do “Lembra-te” não é constituída por um idoso que sabe tudo e precisa ensinar às crianças que não sabem. Assim como os idosos, as crianças contam o que querem compartilhar e, às vezes, são chamadas para o centro da Roda por um simples gesto de dar as mãos para contar sozinha, ou com outra criança, ou mesmo “contracenar” com um idoso, porque elas também assumem a “autoria narrativa” (GIRARDELLO, 2015), momento em que tomam a responsabilidade sobre o que contam ou pelo que está sendo contado.

Performance dos Quintais 2. Oficinas Narrativas orais/escritas

Quando começamos as Oficinas orais/escritas, mães e avós organizaram o espaço para que todas as crianças se acomodassem. Vinícius (14 anos) e João (10 anos) tinham sido incumbidos de presidir o encontro. Eles conversaram com o público, crianças e adultos, sobre o plano da condução dos trabalhos e orientaram as crianças/adolescentes sobre importância de escutar e aguardar a vez para falar. Aos adultos, um pedido: não interromper as falas das crianças, não chamar a atenção delas durante o decorrer dos trabalhos e aguardar a vez de falar também. Anunciaram o motivo do encontro e organizaram os grupos para assistirem aos seis vídeos “Curtas-vidas”, pequenos vídeos com fragmentos de memórias dos idosos que foram gravados para que as crianças lhes assistissem nas Oficinas.[3] Assim, não somente criamos possibilidades para contar histórias por meio das memórias de idosos, com as crianças, como também houve espaço para escutá-las. Nesta oficina, havia

[3] Os vídeos denominados “Curtas-vidas: memória de idosos” têm como temática os saberes e fazeres dos idosos da Comunidade Quilombola Ribeirão do Cubatão. Os vídeos foram produzidos a partir da seleção de conteúdo dos áudios gravados pela pesquisadora nas entrevistas/conversas com os idosos durante a pesquisa. Foram produzidos entre novembro de 2022 e maio de 2023, pelos estudantes Bianca Nery, Cairê Antunes, Camila dos Santos, Erika Artmann, Jaqueline Padilha, Marcos Vinícius Honorato, João Mesquita, Rodrigo Barbosa e Warley Alvarenga, integrantes da disciplina “Jornalismo Comunitário”, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A disciplina era ministrada pela Profa. Dra. Isabel Colucci, a qual acompanhou e orientou os estudantes durante a realização das produções na referida Comunidade. Alguns roteiros dos vídeos foram produzidos em colaboração com as crianças, netos ou bisnetos dos idosos.



dezesseis crianças da Comunidade Ribeirão do Cubatão: dez meninos e seis meninas, com idades entre 4 a 14 anos.

Gravar uma cena é muito diferente de assisti-la. A partir do momento que se tornam espectadoras, o que pensam as crianças sobre as histórias que os idosos contaram e como compartilham com eles suas impressões, posições? Como relacionam-se com o Ribeirão de hoje e refletem sobre suas experiências? Os sentidos que dão às histórias são os mesmos dados por quem compartilhou com elas a narrativa? Esse compartilhamento permite que as crianças escutem para além do ouvido?

Em grupos de seis, as crianças recebem um *notebook* e assistem aos seis vídeos, parando para conversar entre si. Depois, conversam com o grande grupo; então, alguns adultos e idosos que aparecem nos vídeos pedem a palavra. Algumas crianças lembram de terem vivido as experiências contadas nos vídeos, uma vez que alguns deles foram gravados em interação entre avô(ó) e neto(a) ou bisavô(ó) e bisneto(a). Como essas experiências foram processadas pelos diferentes sujeitos?

Os vídeos mostram que não apenas os idosos têm histórias para contar, mas que as crianças também têm. Algumas cenas trazem conversas e histórias que ocorreram quando idosos e crianças estavam lado a lado, porque, nesses momentos da vida cotidiana, não se furtam a boas conversas. Outros momentos podem trazer histórias-surpresas, histórias que as crianças ainda não sabiam. Quando registramos as histórias dos/com os idosos, geralmente, eles falam de suas principais preocupações; já ao conversarem ou contarem histórias para as crianças, eles muitas vezes dão conselhos, trazem ensinamentos ou mostram algum conhecimento sobre a vida que as crianças não saberão se os mais velhos não as contarem. “Eles precisam saber que a vida não começou aqui, só no tempo deles. Muita coisa que eu sei fazer hoje, eu aprendi lá atrás com o vovô.”[4]

[4] Fragmento extraído da entrevista realizada com José de Oliveira Prado, 68 anos. Durante a pesquisa, foram entrevistados vinte e três idosos. Para isso, visitei cada casa, sentei na varanda ou à mesa para tomar café ou almoçar, conversei. A primeira conversa era gravada somente em áudio. Os vídeos foram



Podemos considerar esse momento como a primeira devolutiva da informação às crianças e aos idosos. Após essa etapa de conversa e compartilhamento, as crianças foram convidadas a escolher um dos vídeos assistidos para construir uma narrativa, que seria transformada em audiovisual para enviar àqueles que compartilharam com elas um fragmento de memória. As crianças que ainda não dominam o código escrito contam sua narrativa a partir do desenho. Os desenhos foram uma das formas de comunicação com as crianças pequenas em diversos momentos da pesquisa. Durante sua elaboração, acompanhávamos e conversávamos com elas de forma a compreender suas opiniões e os significados que elas próprias atribuíam aos desenhos. As demais crianças escreveram, ilustraram e, no momento de socialização, apresentaram seus textos em voz alta. Ainda tivemos o caso de duas crianças que não quiseram participar dessa atividade e optaram por apenas observar. Elas sabiam que a assinatura do protocolo de consentimento lhes dava o direito de participarem ou não das atividades.

Ao apresentarem suas narrativas, percebemos que as crianças até 8 anos, embora utilizassem algum elemento da temática enfocada no vídeo assistido, imaginaram histórias de acordo com seus desejos e sonhos. As narrativas soavam como uma brincadeira, como um jogo imaginativo. Já as crianças entre 9 e 14 anos criaram suas narrativas em uma abordagem mais realista, a partir daquilo que experienciam em seu cotidiano ou o que ouviram seus avós contarem.

Em todas as Oficinas desenvolvidas, mesmo quando a atividade era restrita às crianças, temos registrada a presença dos idosos. No diálogo entre as distintas experiências, ambos aprendem e ensinam. Nessa perspectiva, compartilhamos com Oliveira (2011), que a maior riqueza que tem se mostrado nas Oficinas Narrativas é

gravados, posteriormente, a partir da segunda visita, marcada previamente. Sempre levei comigo algo que pudesse causar a interação, que interessasse à(o) interlocutor(a): uma planta, algum alimento, artesanato ou algo que remetesse a alguma prática cultural da Comunidade. Assim, os idosos se mostravam mais à vontade e mais interessados pelo que queriam dizer.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

> o encontro de sujeitos sociais diferentes e o caminho que passam a construir juntos, buscando cultivar interações igualitárias, nos direitos e nos deveres. Dessa convivência, brota uma rica variedade de momentos partilhados, mostrando práticas e modos de pensar que não se domesticaram diante de tendências sociais massificadoras. Situações de ternura e de desprendimento se mesclam a conflitos e tensões, mas encontram seres dispostos à aventura da superação, de seus próprios limites e dos impasses que a vida traz. Ao mesmo tempo em que são protagonistas de gestos simples, porém de significado profundo, realizam na prática uma sociabilidade na qual a figura do outro, longe de ser mais um objeto de consumo, é uma fonte de redescoberta da vida e da solidariedade entre gerações. Vidas compartilhadas os levam a modificarem-se reciprocamente, mostrando, com seu próprio exemplo, o quanto podem nos servir como referencial. (OLIVEIRA, 2011, p. 01).

Acreditamos que encontro intergeracional se constitui como potência na pesquisa em questão, na medida em que a dimensão poética da criação de narrativas pelas crianças e idosos está em primeiro plano. Em se tratando das crianças, percebemos que, quanto mais elas se interessavam por transformar o "real" que aparece nas cenas dos "Curtas-Vidas: memória de idosos" em ficção, mais nos aproximávamos da escuta de suas vozes, como se pode perceber na Cena 2, descrita a seguir.

CENA 2: Curtas-vidas: memória de idosos

> Fragmento 1: Os fazedores do rio
>
> (Close no rio)
>
> Ao som do barulho das águas, aparece a primeira cena do rio, as pedras e a correnteza formam uma espécie de cachoeira. Sr. Francisco (Chicão) e sr. Rufino (Sinoca) aparecem na roda acompanhados da pesquisadora, de uma professora do curso de Jornalismo, seus estudantes e algumas crianças que acompanhavam as gravações.
> (Close na roda de conversa perto do rio, o rio ao fundo)
> Burburinho das águas da pequena cachoeira do rio...
> A pesquisadora/professora inicia a conversa, perguntando: "como é pensar que foram vocês que abriram tudo isso? Que foram vocês que abriram o rio?"
> Sr. Rufino: "O rio foi feito por intermédio da engenharia, projetado por um engenheiro."
> Pesquisadora/Professora: "Mas quem abriu foram vocês, quem sabia abrir o rio eram só vocês!"
> Risos...
> (Close em sr. Francisco): "Então, (levantando e movimentando as mãos e os braços para mostrar com gestos) era roçado, era tirada toda a sujeira, depois



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

era cortada a árvore assim (apontando para uma árvore). Era cortada bem junto com a terra. E ficava só um pedacinho junto com a terra pra máquina trabalhar." [...]
(Close na Roda): "Na época, tinha motosserra?"
Sr. Francisco: "Não, não tinha! Era tudo na base do machado."
Sr. Rufino: "Machado, foice, facão." [...]
Sr. Francisco: "Os roçadores iam na frente fazendo a limpeza e nós ia atrás fazendo o serviço."
Estudante: "E Como a máquina funcionava?"
(Close em sr. Francisco): "A gente trabalhava com ela assim, ó. A máquina tinha uma alavanca e ela ia pra lá e ia pra cá. Onde eu queria, ela tinha que ir! (faz os gestos com as duas mãos). A gente trabalhava com ela, assim (faz o gesto), ela girava, sabe? Aí tinha uma caçamba. Aí, por meio de cabo de aço, a gente, por exemplo, se precisasse jogar lá naquele outro lado de lá (apontando para o outro lado do rio), a gente dava um balanço aqui, ela ia lá no outro lado. Então, tinha um cabo por cima e outro por baixo. O por cima pra levantar pra jogar e o por baixo, puxava." [...]

Produção escrita realizada a partir do vídeo transcrito acima, escolhido por Helena

Querido vô,
Eu fiquei sabendo, há pouco tempo, que foi o vô e o Cuco[5] que fizeram o rio do Ribeirão. Hoje, a gente assistiu à gravação daquele dia no rio. A parte que eu mais gostei foi a da história de amor do vô e da vó porque ela nasceu no rio. Eu tô muito orgulhosa com esta história. Agora eu posso dizer pra todo mundo: "esse rio foi o meu avô que fez!"

Um beijo!

Helena, 10 anos

Fragmento 2: A arte do meu bisavô

(Close na rua geral do Ribeirão, Álvaro se deslocando da casa dele a cavalo para a casa do bisavô)
Ao som do latido do cachorro e do trote do cavalo, Álvaro se desloca da casa dos pais até a casa do bisavô, sr. Fraimundo. Álvaro está vestido de acordo com um cavaleiro da comunidade: camisa de manga longa dobrada à altura do cotovelo, calça para dentro da bota de cano longo, chapéu na cabeça. Álvaro é bastante tímido, mas achou que conseguiria apresentar o bisavô, caso pudesse ser acompanhado por seu cavalo.
(Zoom em plano aberto, Álvaro e o cavalo)
Álvaro: "Meu nome é Álvaro, tenho 12 anos, eu monto cavalo desde os 3 anos de idade sozinho. Corri minha primeira prova com 5 anos e até hoje eu venho correndo em provas." [...] "Hoje, vou apresentar o meu bisavô para vocês."
(Close em Álvaro amarrando o cavalo a uma árvore à beira da estrada com todo cuidado)
Atravessa a rua. (Close na casa do bisavô)

[5] Referindo-se à forma como é chamado, carinhosamente, seu tio-avô Francisco.



(Close em Álvaro e seu bisavô)
Pesquisadora/Professora: “Coisa boa estar perto do bisavô. Vocês estão sempre juntos?”
Pesquisadora: “Ele gosta muito de cavalo. Sempre encontro ele por aí...”
Bisavô: Acena afirmativamente com a cabeça.
(Silêncio)
Estudante: “O sr. passeia com ele a cavalo ou não?”
Bisavô: “Eu não gosto de cavalo.” (Risos) Álvaro, sorrindo, olha para o bisavô com o semblante de quem já sabe daquilo, há muito tempo.
Pesquisadora: “Você pode contar pra gente o que o seu bisavô faz, Álvaro?”
Álvaro: “Meu avô faz essas esculturas aqui.” (Close nas esculturas)
Bisavô: “Eu comecei a fazer em 1978 porque eu morei sozinho por 4 anos. Aí comecei, não sabia o que fazer. Comecei pra passar tempo.” [...]
Pesquisadora: “O sr. pode explicar pra eles sobre essa madeira?”
Bisavô: “É pau do rio, pau do banhado. É chamado pau de cerne. Eu tiro, lavo bem e vou trabalhando.” [...]
Estudante: “O sr. se considera um artista?”
Bisavô: “Não, não, não” (responde surpreso com a pergunta). “Eu, como diz o ditado, me considero uma simples pessoa.”
[...]

Produção a partir dos vídeos transcritos acima, escolhidos por João

Histórias legais[6]
[...]
Uma máquina perigosa
Atravessa o rio de lá pra cá
Você pode até sentir medo
Depois, vai se acostumar[7]

Não são apenas esculturas
São histórias, mais de trezentas!
Cada uma com sua graça,
Forma, riqueza e crença[8]
[...]

João, 10 anos

A produção de narrativas (orais/escritas), além de ser uma forma de escutar e conhecer as crianças, se mostrou importante porque, no momento em que falavam/escreviam/desenhavam, acabavam descobrindo coisas que não sabiam

[6] João, depois de assistir a todos os vídeos, criou em versos sua narrativa sobre cada um deles, denominando-os de “Histórias legais”. Acima, está a criação a partir de dois vídeos citados neste artigo.
[7] Narrativa sobre o vídeo descrito em Fragmento do Curtas 1: Os fazedores de rio.
[8] Narrativa sobre o vídeo descrito em Fragmento do Curtas 2: A arte do meu bisavô.



sobre elas mesmas. Nesse sentido, o que as narrativas criadas por Helena e João contam? O que a performance dessas crianças revela sobre elas mesmas?

As crianças, como podemos constatar, têm uma concepção performativa sobre a produção de narrativas. Quando criam suas histórias não elegem somente O QUE contar, mas também COMO contar. Helena e João têm 10 anos. Como todas as crianças, escolheram os vídeos que lhes interessavam. No entanto, enquanto muitas crianças criaram suas narrativas com fórmulas como “Era uma vez” ou “Há muito tempo”, essas duas crianças escolheram, respectivamente, a carta e o poema. João, inclusive, criou estrofes distintas do seu poema para as temáticas retratadas em cada vídeo. Já Helena sugeriu que, na oficina de audiovisual marcada para o mês seguinte sua carta servisse de base para o roteiro de uma vídeo-carta. Essa proposta, que não nos havia ocorrido, causou surpresa e contentamento. Era, sem dúvida, uma excelente ideia utilizar as narrativas elaboradas naquela Oficina de Escrita para a Oficina Audiovisual.

Esse é somente um exemplo de como, em uma investigação na qual as crianças têm autoria narrativa e protagonismo, não pode haver propostas que partam exclusivamente dos adultos. Quando as crianças estão nesse processo de elaboração, percebemos como, por meio de suas criações, elas se colocam no mundo. Vemos acontecer também a participação efetiva delas no processo da investigação. Nesse sentido, é fundamental que as pesquisadoras valorizem o que é trazido pelas crianças no processo.

Outro aspecto importante nas interlocuções com Helena e João, além do foco na participação efetiva deles em todo o processo da investigação, diz respeito a seu repertório diferenciado. Esse é um dos aspectos para o qual temos chamado a atenção em nossas discussões sobre metodologias de pesquisa com crianças: a importância da ampliação de repertórios narrativos – orais, literários, audiovisuais – para o enriquecimento da produção narrativa autoral das crianças. Em contextos como o desta investigação, essa atenção faz-se ainda mais necessária.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Performance dos Quintais 3. Oficinas Narrativas audiovisuais/fotográficas

CENA 3: olhar, escutar, performar e montar

É dia de Quilombolinha: Oficina Narrativa, mas, dessa vez, as narrativas serão produzidas em audiovisual. Com a câmera na mão, é dia de *olhar, escutar, performar e montar*. Iniciamos a Oficina com uma história coletiva, criada por todas as crianças presentes. Depois, juntamente aos estudantes de Jornalismo da UFSC, convidados para participar/registrar o trabalho com as crianças, iniciamos a oficina inspiradas em outras pesquisas sobre narrativas audiovisuais com crianças, por meio da perspectiva da Mídia-Educação (FANTIM e GIRARDELLO, 2014). A Oficina dividiu-se nas seguintes etapas, seguindo o roteiro produzido que já desenvolvemos em outras pesquisas (AVIZ e LESSA, 2011):

I. Pré-produção – Aquecimento do grupo: 1) Contar uma história oralmente de forma coletiva; 2) Discussão dos planos e movimentos da câmera. Nessa etapa, as crianças eram chamadas para executarem os movimentos e planos mais utilizados: close, plano médio, plano americano e aberto e alguns movimentos de câmera básicos, como a panorâmica horizontal e vertical, passeio lateral e aproximação com o zoom.

II. Enquadramento: 1) Socialização de diferentes imagens com as crianças participantes. A partir delas, foi possível discutir o enquadramento que foi escolhido, assim como imaginar algum possível movimento pela imagem estática.

III. Trabalho com a câmera: 1) Conversa sobre todos os cuidados que temos de ter com os aparelhos, lentes, suporte etc.; 2) Perceber a câmera para criar imagens; 3) Exercícios com os movimentos e planos que foram explicitados; 4) Exercícios: captura de imagens feita pelas crianças com a máquina fotográfica no quintal onde realizamos a Oficina; 5) captura de imagem com filmadora; exercício com gravação de entrevista; exercício de dramatização; 6) Exibição dos registros realizados pelas crianças e discussão com elas sobre os registros criados.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

IV. Reconhecimento da Linguagem: 1) O que querem contar (mostrar); 2) Para quem querem mostrar (audiência); 3) Como podem adequar o discurso para esse público; 4) Quais traços da história que querem contar devem ser retratados? 5) Como querem ser identificados enquanto autores (agência).

Como se pode perceber, as oficinas de audiovisual incentivaram que as crianças tomassem as câmeras para si, por meio de autoencenações coletivas, ocupando a centralidade nos espaços que percorrem com o equipamento. Embora as crianças tenham participado de momentos de aprendizado dos princípios básicos da linguagem audiovisual, elas não cumpriram apenas marcações prévias e roteirizações externas, mas sobretudo registraram e recriaram suas próprias vivências e gestualidades por meio do audiovisual. Nas situações de luta pela territorialidade quilombola, uma das principais estratégias é a construção colaborativa dos espaços de resistência, justamente para que esses atores sociais se sintam pertencentes não apenas ao espaço em que vivem e viveram seus ancestrais, mas também reconhecerem como sua esta territorialidade.

Nos roteiros elaborados e gravados na referida Oficina, se olharmos para a forma como essas crianças e suas personagens se colocam no mundo, perceberemos que elas não são passivas. Elas agem, reagem, criam e recriam o mundo. Para além da pesquisa acadêmica, tais aspectos permitem refletir e exercer a devida crítica sobre como as diferentes mídias enquadram e representam as crianças quilombolas de forma majoritariamente “adultocêntrica” e, por que não dizer estereotipada? Dizê-lo assim, sem escutá-las e respeitá-las como agentes sociais ativos.

Outro aspecto importante a considerar é que essas propostas de partilha criativa com as crianças, por mais que tenham aproximações com outros trabalhos de investigação desenvolvidos pelas pesquisadoras envolvendo o audiovisual (AVIZ, 2012b; HARTMANN, 2021), não são “fórmulas prontas” a serem aplicadas uniformemente, independentemente dos contextos sociais envolvidos. Pelo contrário, tratam-se de exercícios cuja construção está em permanente diálogo com os universos culturais, geográficos, sociais e históricos locais.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

CENA 4: Roteiros Curtas-Quilombolinhas: experiências audiovisuais

Roteiro criado por Camile, 10 anos

Cena 1 – Ana Beatriz é quem dirige a cena, operando a câmera.

Cena externa/dia
Quintal que se abre para mostrar que pertencemos a esse lugar: Ribeirão.
Aparecem as flores, as plantas, as árvores e o campo verde, espaço preferido para as brincadeiras das crianças.

Cena 2

Duas amigas que não se viam há muito tempo.
Camille apresenta todo o quintal à amiga: as flores, o verde, além de enfatizar a beleza do lugar, supervalorizando os espaços de alguns quintais de Ribeirão, suas paisagens preferidas e o porquê é tão importante viver na Comunidade.
Uma flor fecha a cena.

Roteiro criado por Ana Beatriz, 14 anos

Cena 1 – Camille é quem dirige a cena, operando a câmera.

Cena externa/dia
Uma sala de aula de uma escola ao ar livre, no último dia de aula.

Cena 2

Ana Beatriz aparece conversando com a professora.
A professora entrega o boletim à aluna.
Ana aparece falando toda empolgada à mãe que passou de ano.
Ana aparece contando que viajaria para um maravilhoso parque de diversões como presente de sua mãe por ter passado de ano.
O rosto com um sorriso largo de Beatriz fecha a cena.

Nas curtas cenas Quilombolinhas, Ana Beatriz e Camille demonstraram, pela poética audiovisual, suas percepções sobre amizade, cuidado, paisagem, escola, quintais e, sobretudo, como é – ou pode ser – para elas, viver numa comunidade quilombola.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Por meio do uso de metodologias participativas como as descritas ao longo deste artigo, acreditamos que a relação intergeracional entre crianças e idosos da Comunidade Quilombola Ribeirão do Cubatão é evidenciada, permitindo que narrativas e sentidos emerjam no cruzamento dos espaços-tempos específicos dos atores da pesquisa. O grupo de crianças e de idosos com os quais trabalhamos se configurou a partir de relações estabelecidas ao longo de uma vida, uma vez que uma das pesquisadoras faz parte da referida Comunidade, mas também levou em conta o interesse de cada uma das crianças e idosos em participarem do processo investigativo, permitindo a partilha do protagonismo com a pesquisadora durante todo o processo.

Na Pedagogia Quilombola, quando as crianças e os idosos encontram-se, estão se entregando a uma experiência que convoca ao cuidado, baseado na confiança mútua. A imagem que fica desse processo de pesquisa é que idosos e crianças caminham, conversam, discutem, alegram-se, entram em conflitos, sofrem, brincam, imaginam e trocam histórias, tendo as mãos entrelaçadas como um sinal do respeito e afeto intergeracional que segue presente na comunidade.

Referências:

ALMEIDA, Marcos Farias LAUDO PERICIAL Nº 03/2011. Ministério Público Federal – Procuradoria da República em Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

AVIZ, R. F. de. *Khilá: (des)encontros da voz na travessia Brasil Moçambique*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012a.

AVIZ, R. F. de. Mais devagar, você não está olhando: o audiovisual como uma experiência de escuta. *EntreVer - Revista das Licenciaturas*, v.2, n. 3, 2012b.

AVIZ, R. F. de; LESSA, F. P. Com mágoa da escola, sem perder a ternura: uma experiência com o audiovisual. In: SILVA, N. R. et. al. (orgs.). *Múltiplos olhares para as práticas de linguagem no espaço-tempo da sala de aula*. Curitiba: CRV, 2011.



BARTHES, R. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 25 ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GIRARDELLO, G. Horizonte da autoria infantil: as narrativas das crianças. *Revista Boitatá*, v. 10, n. 20, 2015, 14–27. Disponível em: https://doi.org/10.5433/boitata.2015v10.e31472.

GIRARDELLO, G.; FANTIN, M. (Orgs.). *Liga, Roda, Clica*: estudos em mídia, cultura e infância. 1ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2014.

GREENE, M. *Releasing the imagination: essays on education, the arts, and socialchange*. EUA: Jossey-Bass, 1995.

HAMBATÊ BA, A. A tradição viva. In: Ki -Zerbo, Joseph (org.). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.

HARTMANN, L. *Crianças contadoras de Histórias*. Brasília: Ed. da UnB, 2021.

HARTMANN, L.; SOUSA, J. R. de. CASTRO, A. C. de S. Luta pela Terra, Performance e Protagonismo Infantil no I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha (Brasília - 2018). *Revista TOMO*, n. 37, 2020, p. 253-286. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/13253/10729.

HELD, J. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

hooks, b. *Ensinando o Pensamento crítico: sabedoria prática*. Trad. Bhuvi Libânio. São Paulo: Elefante, 2019.

LANGDON, E. J. A fixação da narrativa: do mito para a poética da literatura oral. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 12, 1999, p. 13-36, Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-71831999000300002

OLIVEIRA, P. de S. *Vidas compartilhadas: cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SODRÉ, M. *Pensar* nagô. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Roselete Fagundes de Aviz
Professora do Departamento de Metodologias de Ensino do Centro de Ciências da Educação da UFSC.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3859-7397
E-mail: roseavizz@gmail.com

Luciana Hartmann
Professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB), integrando também o Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre e doutora em Antropologia Social pela UFSC, com doutorado sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris. Licenciada em Artes Cênicas pela UFRGS. Titular de um pós-doutorado na Université Paris Ouest-Nanterre, pesquisando narrativas de crianças imigrantes. Autora do livro "Gesto, Palavra e Memória – performances de contadores de causos" e organizadora das coletâneas "Donos da Palavra: autoria, performance e experiência em narrativas orais na América do Sul" (2007) e de "O Teatro e suas Pedagogias: práticas e reflexões".
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1203-5027
E-mail: luhartm71@gmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 1º de fevereiro de 2024
Aceito em 17 de abril de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
Editores Convidados: Carmen Lúcia Capra (PPGED da UERGS) e
Leonardo Marques Kussler (PPGED da UERGS)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/